



# SEQUÊNCIA DE OBSTRUENTES NO INTERIOR DAS PALAVRAS: RETRATO EM DUAS MODALIDADES

---

SEQUENCES OF ADJACENT CONSONANTS  
FORMED BY OBSTRUENTS: PICTURE IN TWO MODES

---

Valéria Neto de Oliveira Monareto<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**Resumo:** Na passagem do latim para as línguas românicas, sequências de consoantes adjacentes formadas por obstruintes (C1C2) no interior de palavras foram modificadas por meio de três processos fonológicos: vocalização (*lacte* > leite, *palpare* > poupar), assimilação (*factu* > fatto, *domnu* > dono) e apagamento (*pigmenta* > pimenta, *subterrare* > soterrar). Esses processos criaram novos elementos nas línguas, como o ditongo “ei” no português (*conceptu* > conceito, *regnu* > reino, *factu* > feito), o ditongo “ui”, no francês (*fructa* > fruit). No italiano, houve o surgimento de geminadas (*fructa* > frutta, *septe* > sette) e, no espanhol, a criação de africadas (*strictu* > estrecho), entre outros casos. A instabilidade das CC parece estar operante nos dias atuais. No espanhol chileno falado, há casos de semivocalização, como em “adquirir/a[j]quirir” e “absurdo/a[w]surdo”. No espanhol peninsular do centro-norte, há fricativação de oclusivas sonoras, como em “ritmo/ri[T]mo”, por exemplo. No português, há casos de variação entre presença e ausência da consoante C1, dicionarizados atualmente, como “respectiva-respetiva”, por exemplo, e de situações, na língua falada, de aplicação de uma epêntese vocálica, separando as duas consoantes em diferentes sílabas (rá.pi.to). A história do português mostra que o processo de simplificação de CC não agiu uniformemente em todas as palavras. Algumas dessas mantiveram a sequência de consoantes, como em “óbvio”, “técnica”, “admirar”, “amnésia”, “afta” etc. Outras perderam a primeira consoante da sequência, como em sinal

---

<sup>1</sup> monareto@ufrgs.br

---

(*signale*) e em fato (*factum*), por exemplo. Apesar de algumas dessas consoantes desaparecerem na forma primitiva, mantiveram-se em palavras derivadas, como é o caso de pigmentação. Na história da língua, registram-se variações de grafia de palavras com a presença e a ausência dessas consoantes, evidenciando flutuações e instabilidade. Casos como “*assignatura~assinatura*”. “*subtil~sutil*” e “*corrupto~corruto*”, entre outros, são comuns na escrita do português desde muitos anos. Com base na associação entre o exame grafológico em jornais do século XIX, produzidos no Brasil, em análises de sequências de obstruintes na teoria fonológica e no uso destas na língua falada, este trabalho procurará observar que sequência de obstruinte medial é mais produtiva e se a permanência dessa sequência encontra algum respaldo na estrutura fonológica do português brasileiro. Os resultados mostram que diferentes sincronias (passado e presente) e abordagens de estudo da língua (escrita e falada) podem se coadunar para explicarem formas variáveis na língua, conforme os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa e da Teoria Fonológica.

Palavras-Chave: Sequência de obstruintes mediais. Instabilidade de consoantes mediais. Fonologia. Linguística histórica.

**Abstract:** *In the passage from Latin to the Romance languages, sequences of adjacent consonants formed by obstruents (C1C2) within words were modified by three phonological processes: vocalization (lacte > leite, palpare > poupar), assimilation (factu > fatto, domnu > dono) and deletion (pigmenta > pimenta, subterrare > soterrar). These processes have created new elements in languages as the diphthong ei in Portuguese (conceptu > conceito, regnu > reino, factu > feito), the diphthong ui, in French (fructa > fruit). In Italian, there was the emergence of geminades (fructa > frutta, septe > sette,) and, in Spanish, the creation of affricates (strictu > estrecho), among other cases. The instability of the CC appears to be working today. In Chilean Spanish spoken language, there are cases of semivocalization adquirir/[a]l[j]quirir and absurdo/[a]w[sur]do. In the Spanish peninsular North Central, there are fricativization of voiced stops, as in ritmo/ri[T]mo, for example. In Portuguese, there are cases of variation between presence and absence of the consonant C1, currently in dictionaries as respectiva~respetiva, for example, and situations in the spoken language, applying a vowel epenthesis, separating the two consonants in different syllables (ra.pi.to). The history of Portuguese shows that the CC simplification process did not act uniformly in all words. Some of these kept the sequence of consonants, as in óbvio, técnica, admirar, amnésia, afta etc. Others missed the first consonant of the following as sinal (signale) e em fato (factum), for example. Although some of these consonants disappear in primitive form, they stayed in derived words, such as pigmentação. In the history of the language, word spelling variations are recorded with the presence and the absence of these consonants, showing fluctuations and instability. Cases like assignatura~assinatura; subtil~sutil and corrupto~corruto, among others, are common in the written Portuguese for many years. Based on the association between the graphological examination in newspapers of the nineteenth century, produced in Brazil, in obstruents sequences analysis in phonological theory and use these in the spoken language, this paper will seek to note that medial obstruent sequence is more productive and the permanence of this sequence finds some support in the phonological structure of the Brazilian Portuguese. The results show that different synchronicities (past and present) and language study approaches (written and spoken) can be consistent to explain variable forms in the language, as the methodological assumptions of Sociolinguistics Quantitative and Phonological Theory.*

Key-Words: Sequence obstruents medial. Medial instability of consonants. Phonology. Historical linguistics.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A simplificação do primeiro elemento de um grupo de consoantes obstruintes no interior da palavra é observada desde a evolução do latim e das línguas românicas. É um processo operante nos dias atuais e, de certa forma, irregular, pois algumas palavras latinas sofreram alguns processos fonológicos na primeira consoante do grupo, na história do português, como apagamento (*pigmenta* > pimenta, *signale* > sinal), vocalização (*nocte* > noite, *doctu* > doto), assimilação (*septe* > sete, *gypsu* > gesso) e palatalização (*pugnu* > punho), enquanto outras formas não foram alteradas, permanecendo na língua (aspecto, signo, óbvio etc.).

Algumas sequências de obstruintes na língua portuguesa atual permaneceram inalteradas, outras não, como é o caso do grupo “ct”, que se mantém em vários verbetes (bactéria, cacto, defectivo etc.). O dicionário também registra diversos casos de variação ortográfica, entre presença/ausência da primeira consoante desse grupo, principalmente, em palavras como “fato~facto”, “aspeto~aspecto”, por exemplo.

A presença/ausência da primeira consoante nessas sequências de CC é variável desde muito tempo, e sua transformação não é uniforme, afetando algumas palavras e outras não. Apesar de muitas serem suprimidas no primeiro Acordo Ortográfico, no início do século XX, ainda há sequências de obstruintes no estágio da língua portuguesa atual, que são mantidas em algumas palavras, com a realização de epêntese vocálica em algumas variedades do português brasileiro.

Diante desses fatos, várias questões podem ser feitas: a) por que a instabilidade em sequências de obstruintes ainda está operante? b) que sequências desaparecem e quais permanecem? c) por que uma palavra se mantém com uma determinada sequência de CC, enquanto que em outra, com mesmo contexto, a mesma consoante desaparece? d) é possível mostrar tendências no português brasileiro no sentido de se dizer se a primeira consoante vai se manter ou se ela vai continuar envolvida em transformações fonéticas, com o passar do tempo?

O objetivo deste trabalho não é responder diretamente essas perguntas, mas abordar algumas alternativas de encaminhamento e se fazer algumas observações com base em dados de língua falada e de língua escrita. A análise que se propõe baseia-se na conjunção de diferentes formas de estudo da mudança para a compreensão de questões relacionadas à mudança linguística.

---

Propõe-se fazer, por meio de investigação primária em fontes escritas do português oitocentista, uma pesquisa sobre um fenômeno comum na história das línguas românicas: a simplificação da primeira consoante do grupo de obstruintes no interior da palavra (C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>). Serão examinadas palavras que contenham em seu registro ortográfico a sequência de obstruintes no interior da palavra, como em “contacto” e “subtis”, por exemplo, presente ou não no estado da língua atual.

Serão utilizados, como amostra preliminar, dois tipos de dados: cartas de redatores em impressos da primeira fase do século XIX (1801-1850), pertencentes ao banco de dados do Projeto História do Português Brasileiro (PHPB), por meio da plataforma de Corpora do referido projeto, disponível pelo endereço <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Foram escolhidos três estados do Brasil, a saber: Ceará, Bahia e Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Dados de jornais do Rio Grande do Sul da mesma época, não disponíveis ainda no PHPB, serão também utilizados. Optou-se por analisar cartas de redatores pela expectativa de certa similaridade de gênero textual entre as diferentes regiões contempladas e pela extensão dos textos.

Especificamente, serão examinados registros gráficos de casos de presença/ausência de sequência de obstruintes no interior de palavras, como, por exemplo, “absurdo/*ausurdo*”, “administra/*adeministrar*”, “concepção/*conceção*” e “significar/*sinificar*”. Sequências formadas por obstruintes e uma líquida, denominadas como Grupos Consonantais Próprios (COUTINHO, 1976, p. 118), não farão parte do escopo de análise, assim como sequências consonantais heterossilábicas, cuja primeira consoante pertence à sílaba anterior, e a segunda, à sílaba seguinte, como em “especial” e “arte”, por exemplo. Formas em que uma letra represente dois sons, como em “fixo”, por exemplo, também não serão consideradas.

O contexto de análise será sequência de consoantes sujeita, opcionalmente, à inserção de uma vogal epentética em contexto medial de palavra, como é possível ocorrer em contextos como “técnica” e “óbvio”, por exemplo. Sequências consonantais que iniciam ou terminam palavra também não serão consideradas neste trabalho (pneu, psicólogo, fórceps, entre outros). Os grupos derivados dos prefixos “ad”, “sub” e “ab” (subproduto, subclasse, abdomen, subzona, submerso, submundo, adverso etc.) não serão considerados

---

<sup>2</sup> A escolha desses três estados do Brasil deveu-se ao fato de que não há material disponível de todas as regiões do país nos Corpora do PHPB. Teve-se como meta preliminar abranger um espaço geográfico de norte a sul.

---

juntamente com as demais sequências, por suspeitar-se de que podem ser independentes fonologicamente. (COLLISCHONN, 2002, p. 211)

O presente artigo está organizado como segue. Na primeira seção, será abordada uma breve revisão bibliográfica sobre a instabilidade de sequências de obstruintes na história das línguas românicas, segundo a literatura, com especial atenção ao português brasileiro. Na segunda seção, será apresentado o comportamento fonético, fonológico e variável de sequências de obstruintes mediais. Na terceira e última, serão comparados os dados obtidos em textos impressos do século XIX com dados do português atual, por meio de levantamento em dicionário do estágio atual da língua portuguesa e por meio do comportamento desses elementos na língua falada brasileira, atestado em estudos sociolinguísticos. Por fim, serão feitos pequenos comentários e previsões acerca do processo de instabilidade das consoantes obstruintes, operante nos dias atuais.

## 2 A INSTABILIDADE DE SEQUÊNCIAS DE OBSTRUINTES NO INTERIOR DE PALAVRAS NA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

As sequências de consoantes adjacentes, formadas por obstruintes (C1C2) no interior de palavras, apresentam certa instabilidade nas línguas românicas. Na passagem do latim para as línguas românicas, muitas dessas sequências foram alteradas por meio de processos que modificaram o primeiro elemento do grupo, como em “*lacte* > leite”, “*palpare* > poupar”, “*factu* > fatto”, “*domnu* > dono”, “*pigmenta* > pimenta”, “*subterrare* > soterrar”, dentre tantos outros no português.

Esses processos criaram, em alguns casos, novos elementos nas línguas. Na vocalização de C1, um novo ditongo surgiu no português, como o caso de “ei” (*conceptu* > conceito, *regnu* > reino, *factu* > feito), e de “ui”, no francês (*fructa* > *fruit*). Na assimilação, houve o surgimento de geminadas no italiano (*fructa* > *frutta*, *septe* > *sette*) e, no espanhol, a criação de africadas (*strictu* > *estrecho*).

A instabilidade das CC parece estar operante nos dias atuais. No espanhol chileno falado, há casos de semivocalização, como em “adquirir/a[j]quirir”, “absurdo/a[w]surdo”, “dogma/do[w]ma”, entre outros. (PIÑEROS, 2000) No espanhol peninsular do centro-norte, há fricativação de oclusivas sonoras, como em “ritmo/ri[T]mo” e “digno/di[x]no”, por exemplo.

---

(MORRIS, 2000) No português, há casos de variação entre presença e ausência de consoante dicionarizados, como “respectiva~*respetiva*”, por exemplo, e de situações, variáveis na fala, de aplicação de epêntese de vogal, separando as duas consoantes em diferentes sílabas (rá.pi.to), ou de manutenção da primeira consoante sem vogal, (rap.to).

A história do português mostra que o processo de simplificação de CC não agiu uniformemente em todas as palavras. Algumas dessas mantiveram a sequência de consoantes, como em “óbvio”, “técnica”, “admirar”, “amnésia”, “afta” etc. Outras perderam a primeira consoante do grupo, como em “sinal” (*signale*) e em “fato” (*factum*). Apesar de algumas dessas consoantes desaparecerem na forma primitiva, mantiveram-se em palavras derivadas, como é o caso de “pigmentação” e “factual”, por exemplo.

Algumas explicações históricas são dadas sobre esse assunto. Segundo as gramáticas, essas sequências sofreram um processo de simplificação na evolução, mas não de forma categórica. Algumas das consoantes apagadas teriam reaparecido na língua, por empréstimo do latim literário, a partir do século XVI (CÂMARA JUNIOR, 1985, p. 60), ou por questões de substrato, conforme Mattos e Silva (2001, p. 83), fazendo parte de um conjunto de itens lexicais classificados como eruditos.

Na história da língua, registram-se variações de grafia de palavras com a presença e a ausência dessas consoantes, evidenciando flutuações e instabilidade. Casos como “*assignatura*~assinatura”, “*subtil*~sutil”, “*corrupto*~*corruto*”, entre outros, são comuns na escrita do português desde muitos anos, assim como as formas atualmente dicionarizadas, com variação de grafia e de pronúncia, como “*aspeto*~*aspecto*” e “*respectiva*~*respetiva*”, por exemplo.

A escrita de gramáticos, como Fernão Lopes em 1536 e de João de Barros em 1540, parece sugerir que a presença de C1 não devesse ocorrer na língua portuguesa, segundo constata Donadel (2007). O registro dessas consoantes remete a uma escrita etimológica latina e não portuguesa. Entretanto, havia variações gráficas com a presença de consoantes que fogem ao padrão da língua portuguesa. Um motivo para a presença de algumas delas deveu-se à pronúncia destas em algumas variedades e o fato de marcarem algumas consoantes como fato residual.

A supressão da consoante parecia ser comum na fala desde algum tempo. A gramática de Feijó, do século XVII, traz uma lista de palavras que

---

seriam pronunciadas equivocadamente, configurando-se como erros. Assim “corruto” por “corrupto”, “vitória” por “victória”, “ausurdo” por “absurdo”, “conceição” por “concepção”, “corrução” por “corrupção”, entre outros, seriam casos comuns do vulgo que atestariam realizações de apagamento da primeira consoante do grupo nessa época. Entretanto, alguns casos variáveis, segundo Feijó (1880 apud GONÇALVES, 1992), eram permitidos, como “adquirir/acquirir”, “subtil/sutil” e “conceptuar/conceituar”.

Gonçalves (1992) lembra de que, no contexto cultural dos séculos XVIII e XIX, esses grupos foram inseridos no sistema da língua portuguesa por questão de supervalorização da erudição greco-latina. A língua francesa e sua ortografia, impregnada de latinismos e grecismos, contribuíram para essa estética da palavra escrita, aplicando-se grafias antigas.

O critério para a introdução de sequências consonantais latinas devia ser etimológico e não fonético. O ortógrafo oitocentista Madureira Feijó considerava o <c> um elemento para a vista, mas nem sempre para o ouvido, reconhecendo que a regra etimológica levantava problemas socioculturais. Algumas palavras apresentavam a letra, mas possuíam o <c> mudo (dictar, fructo, lectura etc.); já outras apresentavam algum valor (invicto, pacto, fictício etc.). Entretanto, a relação com o étimo é que justificava certa grafia. A ortografia nessa época implicava o conhecimento da forma latina para que ficasse patente no significado gráfico a origem das palavras e fosse mais imediato o acesso à significação. (GONÇALVES, 1992, p.78)

Segundo Gonçalves (1992, p. 79), a reintrodução gráfica acarretou uma alteração fônica em alguns casos. Isso pode ser observado em João de Barros que escrevia ainda “sinificção” por “significação”. Contudo, a autora alerta que, em outras situações, a grafia não chegou a repercutir na pronúncia, como em “signal”, por exemplo.

Os critérios ortográficos de Madureira Feijó, segundo Gonçalves (1992), são de natureza diversa e aleatória. Há sequências consonantais estritamente etimológicas, como “mpt” (prompto, promptidão, promptuário), assim como há grupos criados por analogia e pelo uso de certos autores, como o dígrafo “mn” e a sequência “pt” (sculptura, captivo ou proscripto) sem que a C1 seja pronunciada (GONÇALVES, 1992, p. 80), ao lado de outras onde pode ser pronunciada (Neptuno, interrupto, corrupto etc.). A presença da sequência de consoantes também pode ter a função de “abrir” a vogal precedente (excépto, imperceptível e percepção).

---

Com base nos critérios ortográficos estabelecidos por Madureira Feijó, as reformas ortográficas propostas pelo foneticista Gonçalves Viana, em 1904 e nos anos subsequentes, consideravam a eliminação de boa parte das consoantes mudas em sequências CC, entre outros vários vestígios da ortografia latina. (GONÇALVES, 1992, p. 1001)

A etimologia e a fonética estariam juntas. Havia, segundo Viana (1904, p. 72), três espécies de dicções para essas sequências: a) pronúncia íntegra sempre ou facultativamente (percepção, retracto de retrair); b) pronúncia muda das letras “c” e “p”, como primeira consoante, com as vogais precedentes “a”, “e”, “o”, para não obscurecer, como acontece quando são átonas; c) pronúncia efetiva das letras “c” e “p” em vocábulos onde não são nulas, como em “egípcio” de “Egipto”.

As regras ortográficas para esses casos deviam ser diferentes, conforme Viana (1904, p. 73). Recomendava-se:

- a) escrever as letras que facultativamente se proferem (secção, facto);
- b) escrever a consoante quando esta influir na pronúncia da vogal precedente (preceptor, acção);
- c) conservar as letras mudas por derivação ou por afinidade (Ejito a par de ejípcio, adoptar/adoção a par de optar/opção, espectáculo/espectador);
- d) eliminar a consoante que se oblitera na pronúncia (tratar e não tractar, praticar e não practicar). Esta regra é aplicável a todos os vocábulos em que “c” ou “p” estão precedidos por “i” ou “u”, vogais inalteráveis, como em “escrito”, “instrução”, “produto”, que ninguém profere “escrip-to”, “instruc-ção”, “produc-”, ou fazendo a mínima diferença de valor nas vogais “i” ou “u”.

Nessa última categoria, segundo Viana (1904, p. 74), entram as palavras em que o “c” está precedido por “n”, e o “p”, por “m”, como “sancto”, “prompto”, que devem ser escritos como “santo” e “pronto”, antiga escrita. Nos grupos “mn” (*damno, solemne* etc) e “ct” depois de “au” (*auctor*), também deve-se ter suprimida a primeira consoante, semelhante ao que se fez em “outono”, de “au(c)tumnus”, e se fez sempre em “dono/dom(i)nus”. Já a sequência “gn”, mesmo sendo pronunciada em algumas palavras, como em “consignar”, “resignar” etc, deve ser suprimida, assim como foi em “sineiro”, “sineta”, de *signum* latino.



---

Said Ali (1971, p. 30-31) atribui a transformação da primeira consoante do grupo ao tipo de vogal que precede ao tipo de sequência. Para as sequências “ct” e “pt”, se a vogal for /a/ ou /e/, haverá vocalização (*tractu* > *trauto*, *baptismo* > *bautismo*, *directu* > *direitu*, *acceptu* > *aceito*); com a vogal precedente /i/, assimilação (*scriptu* > *scrittu*, *dictu* > *ditto*); com a vogal /o/ seguida de “ct”, vocalização (*nocte* > *noite*), e /o/ seguido de “pt”, assimilação (*ruptu* > *rotto*); com a vogal /u/, vocalização ou apagamento (*fructu* > *fruita*, *fruta*). Para Said Ali (1971, p. 25), a modificação das oclusivas garantiu que as consoantes surdas não passassem a sonoras, como aconteceu com consoantes intervocálicas (*vita* > *vida*, *focu* > *fogo*).

De fato, a vogal que precede a C1 parece ter algum papel. A consoante tem uma função diacrítica em relação à vogal precedente em algumas palavras, como “objectu”, particípio da forma *objicere* latina, em que a vogal é média baixa aberta e não fechada como nas palavras derivadas como “objetivo” e “objetivar”. A vogal média baixa aberta também se faz garantida pela grafia de geminadas, como em “bellu” (belo) e “castellu” (castelo), por exemplo.

No português europeu, a presença ortográfica da primeira consoante no grupo consonantal CC no interior da palavra tem valor específico e diferenciador na fonologia. Segundo, Valada (2010), a proposta do novo Acordo Ortográfico de suprimir consoantes que não seriam pronunciadas é insustentável no caso do grafema “c” em sequência de palavras com -ção. A letra “c” tem função diacrítica em relação à vogal anterior de torná-la mais fechada, situação inexistente no português brasileiro.

É interessante notar que certas consoantes que são apagadas na forma primitiva permanecem na forma derivada, como em “character” (do latim *charactere* < grego *charaktér*). Em adição, há palavras nas quais se conservam as sequências de obstruintes, como são os casos apontados pelo Acordo Ortográfico de 1990, em sua Base IV: compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, diptico, erupcao, eucalipto, inepto, nupcias, rapto, conector, ducto, impacto, dentre outros.

Outras consoantes do tipo C1 apresentam realização variável. Há uma lista de palavras com a pronúncia facultativa dessa consoante no Acordo Luso-Brasileiro de 1971. Segundo as instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa, cap. IV, item 18 (apud LUFT, 1971, p. 13), devem-se registrar os vocábulos cujas consoantes facultativamente se

---

pronunciam, pondo-se em primeiro lugar o de uso mais generalizado, e em seguida o outro.

Eis uma relação de palavras com realização variável da primeira consoante, a título exemplificativo:

(1) Palavras com pronúncia variável de C1

KT, KS

aspecto/aspeto, característico/característico,  
circunspecto/circunspeto, conectivo/conetivo,  
contacto/contato, espectro/espetro, expectativa/expetativa,  
tacto/tato, secção/seção, sucção/sução

PS, PT

corrupção/corrução, excepcional/excecional, sinóptico/sinótico,  
corruptela/corrutela, sumptuoso/suntuoso

Conforme dito anteriormente, no português brasileiro atual, há quatro situações relacionadas a essas consoantes: apagamento, manutenção com a presença variável de vogal epentética, transformação por vocalização e presença/ausência variável na fala e na ortografia, em alguns casos. Os processos não estão estritamente relacionados ao tipo de sequência CC e não são uniformes.

Segundo Câmara Junior (1985), a reintrodução de consoantes mediais ocorreu pela língua escrita. Na língua oral coloquial não existem esses grupos, pois desenvolveu-se uma nova sílaba com a vogal /i/ ou /e/ no Brasil. Assim, um verbo como “ritmar” se conjuga no presente singular “ritimo”, “ritimas”, “ritima”, de acordo com o padrão prosódico de substantivo esdrúxulo em correspondência com forma verbal grave (número: numero, fábrica: fabrica etc. (CÂMARA JUNIOR, 1985, p. 61)

Câmara Junior (1985) levanta a questão de manutenção da primeira consoante da sequência CC pela inserção de uma vogal, criando-se uma nova sílaba. O exame pela língua falada garantiria a realização dessa consoante, não se violando o padrão de sílaba do português brasileiro em se permitir outra consoante em posição de sílaba que não seja /S, N, r e l/. A permanência de sequências mediais de obstruintes estaria, pois, apenas na ortografia.

Por fim, os motivos para a primeira consoante do grupo CC manter-se na evolução da língua portuguesa brasileira podem ser sumariados:

- 
- motivos de ordem etimológica, adotados em critérios ortográficos (aspecto, digno, cactos, afta, por exemplo);
  - reconhecimento de realização de consoante, com ou sem epêntese vocálica, pelo uso (corrupto, ignorância, ignóbil, incógnito, repugnante, por exemplo);
  - formação de um par mínimo, no qual a ausência/presença é determinante para o significado (apto/ato, rapto/rato, advinha (do verbo *advir* > *advenire*<sub>lat</sub>) x adivinhar (do verbo *adivinhar* < *ad divinare*<sub>lat</sub>), óptico (do grego *optiké*) x ótico < *otikós*<sub>gr</sub>, por exemplo).

Com base na associação entre o exame grafológico em jornais do século XIX, em análises de sequências de obstruintes na teoria fonológica e no uso destas na língua falada, este trabalho procurará observar, em uma pequena amostra de textos impressos oitocentistas, que sequência de obstruinte medial é mais produtiva e se a permanência desta sequência encontra algum respaldo na estrutura fonológica do português brasileiro.

### 3 SEQUÊNCIA DE OBSTRUENTES SOB ENFOQUE DA LÍNGUA FALADA

As sequências de obstruintes no português brasileiro têm recebido atenção por meio do exame da língua falada, através da teoria fonológica, da sociolinguística quantitativa e da fonética acústica, principalmente. Aspectos de estruturação silábica e de qualidade acústica e fonológica das consoantes envolvidas, bem como o processo de epêntese vocálica têm sido abordados por diferentes perspectivas teóricas.

Abordaremos nesta seção alguns trabalhos de cunho fonológico desenvolvidos acerca de sequências de consoantes mediais, com destaque ao emprego variável da epêntese. A epêntese vocálica é um processo produtivo e variável no português brasileiro atual. Por aplicar-se entre sequências de obstruintes (apto~ap[i]to, signo~sig[i]no), desfazendo a conjunção de duas consoantes adjacentes ao criar uma nova sílaba.

As sequências de consoantes obstruintes no interior da palavra examinadas são as que se apresentam com dois grafemas, conforme (2).

(2) Tipo de sequência de obstruente no interior de palavra no português atual

C1	C2	Exemplo
p	t, s, n	apto, rapsódia, hipnose
b	t, s, v, Z, n	obtuso, abcesso, óbvio, objeto, abnegado
m	N	amnésia
f	T	afta
t	m	ritmo
d	v, Z, m, K	advogado, adjetivo, admirar, adquirir
k	t, n	pacto, técnica
g	m, n	pigmeu, digno

Fonte: Adaptado de Cagliari (1981).

As transformações relacionadas às sequências ocorrem categoricamente na primeira consoante. Os processos não são regulares em cada tipo de sequência CC. O grupo “pt” sofre assimilação ou vocalização, como em “*gyptu* > gesso” e “*conceptu* > conceito” por exemplo. Já na sequência “gn”, aplica-se apagamento, como em “*signal* > sinal” e “*pigmenta* > pimenta”; vocalização, como em “*regno* > reino”, e palatalização, que deu origem às letras “nh”, como em “*pugnu* > punho”, “*cognescere* > conhecer”, dentre outras.

O fato de a primeira consoante em uma sequência CC sofrer algum processo fonológico pode estar associado a efeitos posicionais que atuam em certos ambientes. (BECKMAN, 1998) As alterações segmentais ou de traços nas línguas parecem ocorrer segundo posições de não proeminência. A segunda consoante estaria em posição de proeminência, sobre a qual não se aplicaria comumente nenhum processo.

Jun (2011) enquadra casos de consoantes intervocálicas como pares de elementos não proeminentes/proeminentes, defendendo o efeito dominante de C2 em dados empíricos de várias línguas, como elemento resistente a processos fonológicos. Segundo o autor, distinções posicionais ocorrem em pares de posições de proeminência/não proeminência, como início/não início de palavra, posição acentuada/não acentuada, raiz/afixo, posição pré-vocálica/pré-consonantal.

---

Em relação ao português brasileiro, discute-se entre alguns estudiosos. Nogueira, (1948), Nascentes (1960), Câmara Junior (1985), entre outros sobre o licenciamento dessas consoantes na estrutura silábica, se formam um *onset* (ataque) ou uma coda complexos; ou se são heterossilábicas, pertencendo à coda de uma sílaba e ao *onset* de outra. O problema de silabação de “ritmo” e “pacto”, por exemplo, como \*ri.tmo e \*pa.cto, com a primeira consoante formando um ataque complexo na segunda sílaba, parece já estar superado na teoria fonológica moderna por regras de boa formação silábica e por filtros e restrições. A sequência é entendida como heterossilábica, com o C1 pertencendo à coda e o C2, ao ataque, como em rit.mo e pac.to., por exemplo.

A teoria Silábica de Itô (1996) propõe que um elemento não ligado a nenhum nó silábico seja licenciado por epêntese, ou seja, apagado no caso de não receber uma vogal como núcleo para formar uma sílaba. No caso de sequências consonantais (afta, digno), uma consoante não apta a ocupar uma posição de ataque ou de coda, por restrições e condições estruturais da língua, desencadeia a criação de uma sílaba em que a consoante é associada a uma sílaba na posição de ataque ainda desprovida de núcleo. A inserção de uma vogal ao núcleo dessa sílaba vai formar uma estrutura bem formada na língua e licenciar a consoante a um nó silábico, garantindo sua realização na superfície. Assim, “afta” e “digno”, por exemplo, têm sua C1 silabada e mantida na estrutura silábica devido à epêntese vocálica, tornando-se a.fi.ta e di.gi.no.

A presença da primeira consoante do grupo em final de sílaba é justificada por Bisol (1999) por um processo de afrouxamento da condição de coda, como um resquício de uma regra antiga. O estatuto indefinido dessa consoante na estrutura silábica levou Collischonn (2002) a denominá-la como consoante perdida e examiná-la quando é licenciada como ataque de um núcleo vocálico, criado por epêntese.

Podemos entender que a epêntese é uma das formas de garantir o licenciamento de C1 em sequências de consoantes. Comum em muitas variedades do português brasileiro, a epêntese em CC é variável, podendo realizar-se por vogais de natureza diferentes, segundo Cagliari (1981). A realização da epêntese parece estar relacionada a fatores linguísticos e sociais.

A natureza da consoante na sequência de obstruintes, bem como sua relação com o acento da palavra parecem ser significativos quanto ao licenciamento de C1 na estrutura silábica através da epêntese. A análise sociolinguística quantitativa de Collisconn (2002) sobre a regra variável de

---

epêntese em sequências iniciais (psicólogo) e mediais (opção), com dados da fala do banco de dados Variação Linguística Urbana do Sul do Brasil (Varsul), indica três fatores linguísticos intervenientes: posição da consoante C1 em relação à sílaba tônica (se pretônica ou pós-tônica); tipo de C1 e tipo de C2.

Os dados de fala de Collischonn (2002) revelaram que há mais probabilidade de aplicar essa regra quando a C1 for oclusiva alveolar, como em “ritmo”, ao passo que há menos aplicação quando forem labiais, como “optar”, e velares, como “aspecto”. O contexto favorável à epêntese se dá também quando a C2 for uma oclusiva nasal (acne), seguido pelos contextos fricativa não sibilante (advogado), oclusiva não nasal (rapto) e por fricativa sibilante (opção).

A posição da consoante em relação ao acento também atuou como condicionador mais importante para a manutenção da consoante com a inserção de uma vogal. A posição pré-tônica (objetivo) foi preferida para aplicação do fenômeno variável, em relação à posição pós-tônica (técnica).

O fato de a realização de C1 apresentar-se de forma variável na história do português brasileiro, conforme os registros de Fernão de Oliveira, João de Barros e Madureira Feijó, dentre outros, conforme visto na seção anterior, pode ser atestado também no caráter variável da epêntese, determinado pelo uso de certa comunidade linguística. Collischonn (2003, p. 294) examina se há papel extralinguístico na regra de epêntese, concluindo que, com relação a comunidades bilíngues em oposição às comunidades não predominantemente bilíngues de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, há, em seu entender, uma consciência maior das formas com epêntese: o falante percebe essa realização como categórica, ao passo que o falante de comunidades como Porto Alegre e Curitiba a percebe com gradiente.

A epêntese é uma regra variável com aplicação diferenciada entre as cidades examinadas. Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi a cidade que apresentou índices mais altos de epêntese. Apesar do índice elevado de aplicação da regra (58% e peso relativo de .78), segundo Collischonn (2003, p. 290), existem estereótipos com epêntese, mas são alguns vocábulos: peneu, adevogado, piscicólogo. Muitos falantes mencionam essas palavras, quando solicitados a dizer quem fala errado, mas esquecem outras formas extremamente frequentes: digno, aspecto, observa, e assim por diante. Collischonn (2003) acredita também que a forma escrita tem um impacto direto sobre a competência oral do falante.

---

As propriedades das consoantes parecem ter papel na regra variável da epêntese, segundo Collischonn (2004, p. 67). No caso da posição em C2, a fricativa não sibilante (advogado) favorece mais a epêntese do que a nasal (mogno), e esta última parece favorecer mais significativamente a epêntese do que a oclusiva não nasal (rapto). No caso de sequências de alveolar-oclusiva (adquirir) e de labial-oclusiva (optar, corrupto) são mais favoráveis à epêntese do que velares-oclusivas (aspecto, mogno) e de velares-sibilantes (opção, ficção).

Segundo Collischonn (2004), a noção de sonoridade, proposta por Murray e Venemann (1983) e Clements (1990), em que a primeira consoante de uma sequência tem um grau de sonoridade menor do que a segunda, como é o caso de oclusiva e nasal (acne, signo, admitir etc.), pode ser uma explicação para a pressão para a C1 ser modificada, o que não acontece com sequências oclusivas-oclusivas, por não terem grau de sonoridade distinto. No caso das fricativas, Collischonn (2004, p. 68) crê que essa classe forme uma africada com a oclusiva, não implicando uma violação à sequência de sonoridade.

O vozeamento da consoante parece exercer alguma influência também na inserção de uma vogal entre os dois CC. A vogal epentética é favorecida quando uma das consoantes do encontro é vozeada, conforme experimentos acústicos de Cristófar-Silva e Almeida (2006) e Silveira (2007).

Assim, estudos em fonética acústica corroboram em parte os resultados do estudo variável quantitativo de Collischonn (2004) no que diz respeito ao papel das propriedades acústicas das consoantes. Vejamos, pois, mais detalhes sobre o papel de cada consoante envolvida na sequência de obstruintes mediais CC em dados de uso efetivo da língua portuguesa brasileira.

### **3.1 A presença de contextos com sequências de obstruintes no uso efetivo da língua**

Os contextos de sequências de obstruintes no interior de palavra parecem ser escassos no léxico de indivíduos. Collischonn (2003)<sup>3</sup> examina a fala de 144

---

<sup>3</sup> Agradecemos às colegas Gisela Collischonn e Tatiana Keller pela disponibilidade de contar com o arquivo de dados do trabalho realizado com seis cidades do banco Varsul, publicado por Collischonn (2003). Com acesso aos dados, foi possível separar os contextos mediais e se fazer alguns cruzamentos entre os contextos de C1 e C2. Cabe esclarecer que a amostra de dados de fala Collischonn (2003) pertence ao banco de dados do projeto Varsul, em que os entrevistados são selecionados por cidade representativa de cada estado do Sul do Brasil

indivíduos de seis cidades do Sul do Brasil em relação à aplicação de epêntese em contexto de sequências de consoantes iniciais e mediais e encontra 1.025 contextos para aplicação de epêntese no interior da palavra, considerando-se palavras repetidas. Desses contextos, há o seguinte quadro de distribuição de sequências consonantais:

(3) Tipo de consoante encontrado em língua falada, segundo amostra collischonn (2003)

C1	Número de ocorrências	Aplicação de epêntese	C2	Número de ocorrências	Aplicação de epêntese
Labial (optar, opção)	368	40%	Sibilante (opção)	442	28%
Alveolar (ritmo, advog)	307	61%	Nasal (mogno)	271	<b>61%</b>
Velar (pacto, signo)	350	<b>78%</b>	Oclusiva (rapto)	220	31%
Fricativa Labiodental (afta)	0	—	Fricat. Não Sibilante (advogado, adjetivo)	92	58%
Nasal (amnésia)	0				

Fonte: Elaborado pela autora.

Os contextos de sequências de obstruintes no interior de palavra são reduzidos dentro do léxico desses informantes. Muitas das ocorrências são de

---

(Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e por variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade). Faz-se importante observar também que os dados utilizados em Collischonn (2002 e 2004) referem-se às três capitais do Sul do Brasil, totalizando 72 informantes e 631 *tokens*. Já em trabalho de 2003, os dados compreendem 144 informantes e 1.068 *tokens*.



uma única palavra, que se repete no discurso dos informantes, como “dq” (adquirir). Se fossem consideradas as sequências no final de palavra, os grupos “ts” e “ds” resumiriam-se a estrangeirismos e abreviaturas, como é o caso da sequências (Holts, Deutschland, Aids, Volts, entre outras). Outras aparecem em poucas palavras também, como é o caso de “dv” (advogado, adverte, adversário, adventista, advertência). Alguns grupos consonantais se revelam em pouquíssimas palavras, como “ft” e “mn”, em “afta” e “amnésia”, por exemplo, que sequer foram usados pelos informantes da amostra.

As ocorrências de sequências de obstruintes heterossilábicas na língua escrita também parecem não ser muito diversificadas. Silveira (2007, p. 22) trabalha com uma amostra de 18.824 ocorrências de grupos consonantais heterossilábicos, distribuídos em sua maioria (acima de 10%) entre as palavras “advogado” (32,14%), “técnica” (24,43%), “ritmo” (14,31%), “objeto” (13,92%) e “obter” (11,80%). Outras palavras aparecem em seu *corpus*, mas com incidência abaixo de 2%, como “afta”, “compacto” e “amnésia”.<sup>4</sup>

O número de ocorrências ainda é mais reduzido se for examinada a combinação de C1 com C2, como em (4), em que não há a presença de sequência velar+fricativa não sibilante.

(4) Ocorrências com a aplicação de epêntese a partir da combinação de C1 com C2 mediais em dados de fala da amostra Collischonn (2003)

Labial + Fric. não sibilante (objetivo, óbvio) 17/29 = 59%	Alveolar + Fric. não sibilante (advogado, adventista) 36/63 = 57%	Velar + Fric. não sibilante 0
Labial + Nasal (submergir, pneu) 25/31 = 81%	Alveolar + Nasal (administrar, ritmo) 117/176 = 66%	Velar + Nasal (signo, técnico) 45/88 = 51%

<sup>4</sup> Silveira (2007) trabalha com um *corpus* de encontros consonantais heterossilábicos do banco Corpus de Extratos de Textos Eletrônicos NILC/Folha de São Paulo que, segundo a autora (2007, p. 22), possui 24 milhões de palavras em português brasileiro, disponível em <http://acdc.linguatca.pt/cetenfolha>.

Labial + Oclusiva (optar, corrupto) 3/7=43%	Alveolar + Oclusiva (adquirir) 27/37=73%	Velar + Oclusiva (aspecto, bactéria) 11/77=44%
Labial + Sibilante (opção, observar) 96/226=42%	Alveolar + Sibilante (Aids, Voltz) 6/31=19%	Velar + Sibilante (tóxico, ficção) 22/185=12%

Fonte: Elaborado pela autora.

A utilização de palavras com contexto de sequências de obstruintes é escassa na fala pelo fato de o léxico do português não apresentar muitos itens desse tipo. Há, segundo Donadel (2007), cerca de 5.166 itens com esse tipo de sequência, considerando-se abreviaturas, palavras compostas e derivadas.

Segundo os dados em (4), a combinação labial-sibilante (opção, observar), seguida pela velar-sibilante (tóxico, ficção) e alveolar-nasal (admiro, ritmo) são as mais recorrentes na fala de informantes do Projeto Varsul. Por outro lado, a epêntese parece preferir sequências de labial-nasal com 81% de aplicação de epêntese (submergir, pneu) e alveolar-oclusiva com 73% de epêntese (adquirir), em que há preponderantemente, casos com formas “sub” e “ad” (submisso, administrativo) e palavras recorrentes como pneu e adquirir.

O contexto de C1, segundo os dados em (4), mostra a consoante mais atingida pela epêntese, conforme pode ser observado em (5):

(5) Aplicação de epêntese conforme a C1 em grupos mediais

C1	Apl./Tot	%
Alveolar (ritmo, advogado)	186/307	61%
Labial (optar, opção)	146/368	40%
Velar (aspecto, signo)	78/350	22%

Fonte: Elaborado pela autora.

---

A consoante velar é a menos atingida pela epêntese. O falante prefere deixá-la em posição de coda do que formar nova sílaba. Assim *as.pec.to* é mais utilizado do que *as.pe.ci.to*, o que não acontece quando a consoante velar é vozeada como em “signo”, “significado”, “ignorância”, “estagnar”, “digno”, em que a vogal é inserida entre as consoantes, confirmando, pois, experimentos acústicos de Cristófaros-Silva e Almeida (2006) e Silveira (2007).

A consoante velar formaria uma coda melhor segundo Collischonn (2004, p. 69):

[...] Essa observação é interessante porque há, na literatura fonológica recente, pelo menos, duas teorias distintas sobre as classes de consoantes não-marcadas em posição de coda: (a) a primeira, que encontra defesa em Paradis e Prunet (1991), afirma que seriam as consoantes coronais as não marcadas; (b) a segunda, defendida por Trigo (1988), afirma que seriam as velares.

Vamos examinar a seguir as ocorrências das sequências de obstruintes em textos escritos impressos no século XIX em jornais, pertencentes a três estados brasileiros (Ceará, Bahia, Rio de Janeiro), do PHPB, por meio da plataforma de Corpora do referido projeto, disponível pelo endereço <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Os textos pertencem à primeira fase do século XIX (1801-1850). Serão examinados também textos impressos em jornais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, da primeira metade do século XIX.<sup>5</sup>

A coleta de dados em jornais oitocentistas se dará pelo levantamento ortográfico de registros de palavras com sequências de obstruintes no interior do vocábulo.

#### 4 DADOS COM SEQUÊNCIAS DE OBSTRUINTES EM JORNAIS DO SÉCULO XIX

No século XIX, a grafia de consoantes mudas em sequências de obstruintes era recomendada. Escrever “character”, “augmento”, “gymnasio”, por exemplo, aproximava-se do clássico e das origens de nossa língua. Essa época enquadrava-se no período pseudoetimológico da ortografia portuguesa

---

<sup>5</sup> Os jornais examinados do Rio Grande do Sul foram *O Constitucional Rio-Grandense* (Porto Alegre, 1828-1831) – 49 exemplares – e o jornal *O Amigo do Homem, e da Pátria* (Porto Alegre, 1829-1831) – 75 exemplares. Foram obtidos no Arquivo Histórico Moysés Vellinho e no Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, ambos localizados em Porto Alegre, RS.

(do século XVI até 1904), quando formas escritas como “dino”, “benino” e “malino”, escritas por Camões, por exemplo, passaram a ser escritas como “digno”, “benigno”, “maligno”. A pronúncia ficou vacilante, pois a presença de letras etimológicas deixa o leitor neófito quase sempre em dúvida se deve ou não pronunciá-las. (COUTINHO, 1976, p. 76)

O levantamento de palavras com sequências de obstruintes no interior de palavra em jornais do século XIX evidenciou a presença de um sortimento de grupos de consoantes, ilustrado em (6) por algumas palavras. Em (4), visto anteriormente, há a possibilidade de combinação de sequências de obstruintes, incluindo-se sequências com prefixos “ad”, “sub” e “ab” (adverso subproduto, abdômen). Algumas sequências, como “bp”, “bk”, “bd”, “bm”, “bz” existem apenas na forma prefixada, como “subproduto”, “subclasse”, “abdômen”, “submundo” e “subzona”, por exemplo. Já o grupo “ks” aparece em siglas (Cs – símbolo do Césio) e em palavras estrangeiras (*ecstasy*) no dicionário.

(6) Exemplos de sequências de obstruintes mediais em jornais do século XIX.

Fone C1	Fone C2	Exemplo nos jornais	Exemplo português atual	N. de registros seg. dicionário <sup>6</sup>
P	t, s	prescripto, exceção	apto, rapsódia	988, 629
B	p, t, k, d, s, z, x, Z, v m	----- obstante, objecto	subproduto, obtuso, abcesso, subclasse, abdomen, subzona submerso, óbvio, submundo	18, 64, 56, 143, -, -, -, 100 -

<sup>6</sup> O *Dicionário Aurélio eletrônico*, versão 3.0, traz registros de abreviaturas, siglas, símbolos químicos, prefixos, palavras compostas, como *atm*, CNPq, Cs (césio), sub- (submergir), bem-nascido, respectivamente, como verbetes. Por não representarem a maioria dos registros, esses casos estão computados como sequências CC. Por isso, o número de entradas não se refere à palavra, no sentido de item lexical. Assim, essa aferição não é precisa. Sequências em que os registros diziam respeito apenas como composições, como no caso do grupo “mt” (bem-te-vi), não foram consideradas.

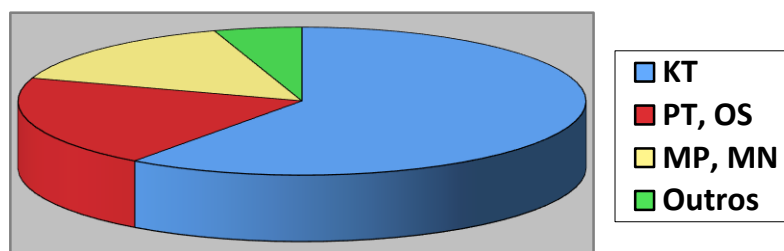
M	N	condemnação	amnésia	217
F	T	-	afta	
T	M	-	atmo	105
D	k, v, Z, m	adquirir, adverte, coadjuva-lo, admiraveis	adverso, adjetivo, admoestar	50, -, -
K	t, s, n	redactor, facção, -	pacto, fixo, técnica	1.954, 287, 219 (kn)
G	m, n	augmento, digno	pigmeu, digno	190, 579

Fonte: Elaborado pela autora.

O uso de seqüências de obstruintes no interior de palavras não é muito expressivo, se comparado a outras formas latinizadas, como o emprego de consoantes geminadas. A variação entre presença/ausência também não é significativa. Há em profusão nos jornais oitocentistas muitas palavras com a seqüência “kt”, seguido por “pt”, “ps”, “mn”, “mp” “gn” “gm”, “bp”.

O Gráfico 1 ilustra uma quantidade aproximada e comparativa entre os grupos consonantais encontrados em jornais do século XIX. Observa-se que a seqüência “kt” é bem superior em termos numéricos em relação às demais. A mesma incidência de palavras com esse tipo de seqüência é encontrada no português atual segundo o quadro (6), com base em levantamento em dicionário.

Gráfico 1 – Incidência Ilustrativa de Seqüências Consonantais no Século XIX



Fonte: Elaborado pelo autora.

O uso de latinismos específicos da época oitocentista parece ser baixo em outras amostras dessa época também. A expectativa de Barbosa (2005, p. 36), ao

examinar folhetins em jornais cariocas, era a de haver enormemente mais latinizações no século XIX do que no século XX. Dentre 42.269 vocábulos, apenas 3,69%, ou seja, 1.563 palavras de grafias latinizadas, dentre essas a geminação, principalmente, e a sequência de consoantes, não só no interior de palavra, foram levantadas. Índice baixo de latinismos também foi encontrado em cartas pessoais de família (taxa de uso de 1,29% de latinismos), por Barbosa (2005).

Lima (2009, p. 124), ao examinar a ortografia de 26 jornais do século XIX de Recife, por meio de cartas de leitores também encontra um número reduzido de palavras com sequência de obstruintes mediais. Houve duas palavras apenas (*conflicto*, *saptisfeito*) com nove registros dessas, sendo três desses sem a presença da primeira consoante.

#### 4.1 Comparação entre estágios de língua

No português atual, quase todas as palavras listadas em (4), como exemplos, têm sua C1 apagada, com exceção de algumas palavras com sequências iniciadas por /d/ (adquirir, adverte) e /g/ (digno). Contudo, algumas dessas sequências permanecem na língua com distribuição irregular, apresentando-se em algumas palavras e em outras não (signo/au(g)mento, admirável/a(d)quirir), com exceção do grupo “mpt” (*prompto*), que desaparece, por ser de origem puramente etimológica, segundo Gonçalves (1994). Alguns grupos consonantais são produtivos e se mantêm em vários itens lexicais, como pode ser observado em (7):

(7) Número de registros de sequências consonantais obstruintes do português atual segundo *Dicionário Aurélio eletrônico*

PT, PS 988, 629	MN, MP 217, --	KT, GN, GM 1.954, 579, 190
--------------------	-------------------	-------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

A incidência de palavras com determinadas sequências entre os dois estágios de língua (século XIX e século XX) é muito parecida. Apesar de compararmos língua escrita com língua falada, chama atenção de que, se

---

compararmos a proporção relativa de frequência entre o emprego de certas palavras com determinadas sequências consonantais, a proporção e equação são muito similares: grupos com velares>labiais>nasais, o que mostra que a coda do português parece ainda se utilizar de elementos com resquícios antigos, em que há um afrouxamento de condição, a que alude Bisol (1999).

Apesar de a sequência “kt” ter desaparecido em muitas palavras, é a que mais resiste no léxico atual em vários itens (1.954). Também é uma das sequências que apresenta variação entre presença e ausência de C1 na fala, como em “aspecto/aspeto”, “espectativa/expetativa”, “conectivo/conetivo”, “contacto/contacto” e “espectro/espetro”, por exemplo.

Em segundo lugar, há a sequência “pt” com maior número de itens registrados pelo dicionário (688) em consonância com os dados dos jornais, onde aparece esse grupo em várias palavras. Essa sequência também é variável na fala atual, como ocorre em “corrupção/corrução”, “sinóptico/sinótico”, entre outras, conforme aponta Luft (1971) nos exemplos em (1).

Em conclusão, a partir dos dados examinados nas seções dois e três deste artigo, podemos fazer algumas considerações.

1. O léxico do português brasileiro mantém sequências de obstruintes mediais em várias palavras, com exceção da sequência “mp” (*prompto, dampo*).
2. A sequência preferida é “kt” (aspecto), seguido de “pt” (optar), “ps” (opção), “gn” (signo), “mn” (amnésia) e “gm” (dogma).
3. A ausência/presença da primeira consoante do grupo é uma variação antiga no português em geral e estável ao longo dos anos.
4. A sequência consonantal é mantida no português brasileiro, que processa uma epêntese vocálica para licenciar a primeira consoante na estrutura silábica, preferencialmente em sequências com alveolar como C1, como em “ritmo”, por exemplo.
5. Pode-se sugerir, em virtude do índice mais baixo de epêntese em sequências com velar como primeiro elemento (kt, ks, gn), que o português brasileiro tende a modificar a estrutura CVC para CV em sequências em que a velar não é C1. Por outro lado, esse tipo de consoante é a que mais é apagada em termos variáveis.

---

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados, tanto em jornais do século XIX como na fala do português atual, parecem indicar que as sequências de obstruintes mediais com velares “kt” e “ks” sobrevivem na evolução da língua, além de outras, em pequena quantidade. Essas são mais numerosas no léxico e são mais utilizadas, tanto na língua escrita do século XIX, época em que eram valorizadas por aproximarem do étimo latino, como no uso da língua falada.

O fato de a epêntese vocálica ser utilizada com menos frequência em grupos de velares e labiais, segundo os dados de Collischonn (2003, 2004), dá margem a se pressupor que essas sequências são preservadas em posição de coda, como um resquício de uma regra antiga, nos termos de Bisol (1999). A consoante velar parece, pois, ser uma forma não marcada no português brasileiro, em termos fonológicos, por permanecer na língua com relativa frequência, por resistir à epêntese e por se opor à forma vozeada correspondente /g/, que parece ter um comportamento contrário.

Essas sequências, quando desvozeadas, apagam ou não, de um modo variável, como tem se processado há muitos anos na língua, conforme atestam Fernão de Oliveira, João de Barros, Madureira Feijó (1880 apud GONÇALVES, 1992), entre outros, em palavras como “digno”, por exemplo. A variação parece estável e opera conforme a variedade linguística.

Este trabalho se encerra por ora, mostrando que diferentes sincronias (passado e presente) e abordagens de estudo da língua (escrita e falada) podem se coadunar para explicarem formas variáveis na língua, conforme os pressupostos metodológicos da sociolinguística. Resta à teoria fonológica explicar formas de estruturas silábicas remanescentes em um estágio atual da língua. Arriscamos, por ora, a conjecturar sobre a resistência de formas antigas da língua que encontram respaldo no uso linguístico e na teoria fonológica.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Versão eletrônica 3.0.

BARBOSA, A. G. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, C. R. dos S. *A Norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. 2005. p. 25-42.



- 
- BECKMAN, J. N. *Positional Faithfulness*. Dissertation 1998. 270 f. (Doctor for the Philosophy) – University of Massachusetts, Massachusetts, 1998.
- BISOL, L. A Sílabas e seus Constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do Português Falado V: novos estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981. Tese de livre docência.
- CLEMENTS, G. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON M.; BECKMANN, J. *Papers in laboratory phonology*. Cambridge: CUP, 1990. p. 283-333.
- MURRAY, R.; VENEMANN, T. Sound Change and Syllable Structure in Germanic Phonology. *Language*, [S.l.], v. 59, n. 3, p. 514-528, Sep. 1983.
- COLLISCHONN, G. A epêntese Vocálica no Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 285-297, 2003. Especial.
- COLLISCHONN, G. Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 7/1, p. 61-78, 2004.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; ALMEIDA, L. On the nature of epenthetic vowels. En: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Ed.). *Contemporary Phonology in Brazil*. Cambridge: Cambridge Scholars Publish, 2006.
- DONADEL, G. *Grupos Consonantais Impróprios estudo diacrônico com base em gramáticas*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação da CAPES, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó/ortografista do século XVIII. Para uma História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. 1996. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts, Massachusetts, 1996.
- JUN, J. *Positional Effects in Consonantal Clusters*. New York: Routledge, 2011.
- LIMA, J. A. de. *Análise do Sistema Ortográfico do Português Brasileiro em cartas do século XIX*. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- LUFT, C. P. A Nova Ortografia Oficial Explicada. In: ACORDO Luso-Brasieiro de 1943 oficializado pelo Decreto 2.623 de 1995 e alterado pela Lei 5.765 de 1971. Porto Alegre: Sulina, 1971.
- MATTOS E SILVA, R. *O Português Arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 2001.

- 
- MORRIS, R. E. *Coda Osbtruints and Local Constriant Conjuction in North-Central Peninsular Spanish*. Amsterdam, Mar. 2000. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/383-0300/383-0300-MORRIS-0-0.PDF>>. Acesso em: 19 set. 2013.
- NASCENTES, A. *O Idioma Nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- NOGUEIRA, J. *Programa do português: gramática*. 6. ed. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1948.
- PIÑEROS, Carlos-Eduardo. Segment-to-syllable alignment vocalization in Chilean Spanish. *Lingua*, Iowa, v. 111, n. 3, 2000. Disponível em: <[roa.rutgers.edu/files/408-0800/roa-408-pineros-1.pdf](http://roa.rutgers.edu/files/408-0800/roa-408-pineros-1.pdf)>. ACESSA em: 19 Set. 2013.
- SAID ALI. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. ed. rev e atual. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.
- SILVEIRA, F. *Vogal Epentética no Português Brasileiro: um estudo acústico em encontros consonantais*. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Documentação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- TRIGO FERRE, R. L. *The phonological derivation and behaviour of nasal glides*. 1988. Tese (Doutorado) – Massachussets Institute of Technology.
- VALADA, F. M. *Os lemas em 'acção' e a base do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*. *Diacrítica*, Braga, v. 24, n. 1, p. 97-108, 2010. Série Ciências da Humanidade.
- VIANA, A. R. G. *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das Ortografias Portuguesa*. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.